...só há progresso onde houver mártires que o tomem em suas mãos...

31 de Janeiro

Onde os privilégios económicos subsistem, os direitos políticos não estão enraizados e podem ser coarctados sem dificuldade.

31 de Janeiro

Foi Sampaio Bruno quem disse estar o Povo Português por fazer. Em linguagem de hoje, diríamos que está por consciencializar ou politizar, pobre dele!

31 de Janeiro

Só é acessível a razões quem na Razão confia — e não lhe sobrepõe o primado de interesses quantas vezes inconfessáveis.

Discurso - 46.º aniversário da República

...nenhuma obra sobrevive só por si, mas por um fio de problemática humana que os grandes artistas sabem ver à escala dos séculos.

Há uma estética Neo-Realista?

...a História não é um espectáculo a que assistimos, mas um real (condicionado embora) que criamos.

Frátria

...um democrata não «morre»; no sentido inerte da palavra: quando sucumbe, transmite o facho — e perdura nele.

Discurso - 46.º aniversário da República

A sociedade humana é uma pobre coisa que mal se distingue ainda do covil da alcateia. E nenhum homem que se preze deixou de sonhar-lhe uma redenção, fosse ela a da República ideal — mas esclavagista — dum Platão ou a da Utopia — igualmente esclavagista — dum Tomás Moro. Ninguém pôs, todavia, olhos de censura para vê-la em toda a sua hediondez como a juventude. E por isso todos os homens que, de um modo ou de outro, quiseram transformar a do seu tempo se voltaram, ao dobrar o Cabo das Tormentas, para a juventude que desponta e que é sempre, para eles, a do Cabo da Esperança.

Não fugirei à boa regra, já que esta oportunidade me é oferecida. Mas

Homenagem a Mário Sacramento

HOMENAGEM A MÁRIO SACRAMENTO

...sou um desses pobres humanistas a quem nada do que é humano pode ser alheio. «O meu ofício, a minha arte, é a vida» — dizia Montaigne: Eu corrigiria, dizendo que é, em primeira mão, a vida dos outros.

De um texto inédito

É nas justas da verdade, e não na quietude equívoca da terra-de-ninguém, que a presença humana se define.

Frátria

Só constrói quem se opõe ao que o nega.

Há uma estética Neo-Realista?

...o monólogo é a evasiva duma consciência socialmente infeliz, que transfere nele o que não pode integrar na linguagem normal da vida em sociedade.

Ensaios de Domingo

Todas as batalhas da História destroem e reconstroem o homem. O mesmo homem? — O devir do homem.

Ensaios de Domingo

Pode ser-se fiel a uma aspiração de verdade, apesar de só a mentira e o cinismo cercarem a jangada em que vogamos à mercê dos terrores e das paixões.

Palavras para o eng. Seiça Neves

HOMENAGEM

A

MÁRIO SACRAMENTO

. . . também a saudade é uma força, se projecta no futuro uma esperança.

Palavras para o eng.º Seiça Neves

Assinalando o primeiro aniversário da morte de Mário Sacramento, ocorrido em Março de 1970, uma comissão de democratas aveirenses tomou a iniciativa de prestar condigna e pública homenagem ao grande cidadão.

Por um grupo de admiradores foi, no dia 27, solicitado à Câmara Municipal que desse o nome de Mário Sacramento a uma rua ou praça da cidade, o que viria a ser indeferido. Em 28, efectuou-se uma romagem, no Cemitério Central, tendo usado da palavra o jornalista Mário Castrim. Seguiu-se, no Teatro Aveirense, uma sessão presidida pelo escritor Ferreira de Castro, sendo conferencista o crítico literário Óscar Lopes.

Para concluir a grata tarefa que se impôs, a Comissão de Democratas Aveirenses reúne, no presente volume, os textos dos homens de letras que, a seu convite, participaram na mais do que justa homenagem.

TEXTOS

DE

MÁRIO CASTRIM

FERREIRA DE CASTRO

ÓSCAR LOPES

MÁRIO SACRAMENTO ANTIPROVINCIANO

MÁRIO CASTRIM

HOJE, todos nós que estamos aqui e quantos por esse Portugal fora nos acompanham, podemos dizer que somos pessoas felizes. Nós não deixamos morrer os nossos mortos, pois eles permanecem intactos no alongamento do nosso futuro.

Vivemos numa época onde há quem continue vivo e já esteja defunto. Há quem respire e já nada tenha para dar ou para tirar aos outros homens. Há quem encha dias e, no entanto, sofra já a pior das mortes ou a morte verdadeira: o esquecimento.

Nós, pelo contrário, estamos aqui para falar de um amigo, para visitá-lo e para con-

firmarmos velhos laços não desatados nunca. As razões de aqui estarmos variam por cada um de nós. Cada um de nós o recorda à sua maneira, cada um de nós lhe deve qualquer coisa. Quer dizer: em cada um encontrará Mário Sacramento justificação para continuar vivo.

Mário Sacramento: homem de tipo novo que ultrapassa as limitações de um tempo, de uma conjuntura, para nos oferecer a visão do homem de amanhã.

O homem de amanhã: eis aqui uma expressão em que não quero deter-me. Com ela se corre o perigo de impor uma visão facciosa, unilateral da personalidade de Mário Sacramento. Muito mais grato seria antes lembrar o que nele havia de pertencente ao património geral, independentemente da visão dos acontecimentos ou do matiz das atitudes. Ou seja: o antiprovincianismo de Mário Sacramento.

Entenda-se aqui por **provincianismo** não a mera oposição ao citadino. A cidade também possui o seu provincianismo que pode assumir as formas de cosmopolitismo «snob», de desconhecimento de tudo quanto não se passe nas «baixas», de supervalorização dos seus méritos e da ambição de penetrar em

outros ambientes mais sofisticados, mais... citadinos.

Se não quero principalmente falar aqui de provincianismo como simples característica dos meios afastados dos centros de cultura ou de informação, das terras segregadas pelo cinto asfixiante do quotidiano sem história, também não quero esquecer que o primeiro sinal do antiprovincianismo de Mário Sacramento foi a sua luta contra a província, contra a tacanhez, contra o deserto dos dias e das noites.

Deve notar-se que esta luta «contra a província» se processava nos territórios da província ela própria. Mário Sacramento não pretendeu jamais escapar-se da província e ainda nisso deu provas do seu antiprovincianismo.

Há duas formas de provinciano nas nossas relações diárias com D. Sebastião: aquele que se queda imóvel no seu palmo de chão à espera que ele venha, e o outro que abandona o palmo de chão para ir ao encontro dele. No primeiro caso, o palmo de terra acaba por alargar-se até se transformar em cinco palmos e nele caber um caixão; no segundo caso, a aventura poderá soçobrar no indefinido da distância, na imprecisão dos gestos,

na incorrecta visão dos contornos roídos pela névoa. Porque D. Sebastião morreu, porque D. Sebastião já não há: só há nevoeiro que o trespassou e o engoliu e com o qual o próprio D. Sebastião se identifica.

Mário Sacramento não ficou à espera nem partiu ao encontro. Não fugiu cego pelas perspectivas, pelas possibilidades dos outros meios. Não se iludiu na suposição de que em Lisboa é que sim. Por outro lado, não se resignou ao vácuo, à estagnação do meio. Não transportou consigo a província para a cidade; transportou consigo o mundo para a terra pequena. Porque só existe um processo de suportar o meio onde se vive: é procurar transformá-lo, é fazer dele um terreno de combate. Se não enfrentamos o mundo, o mundo nos destruirá. Isto é verdade na escola, na fábrica, na empresa, no jornal, na igreja, na nossa própria casa. Numa sociedade onde se normaliza a exploração do homem pelo homem, a defraudação do humano pelo desumano, onde se elege a capacidade de matar, (numa luta que é de matar ou de morrer) como uma qualidade merecedora de elogio e prémio, numa tal sociedade não existem portos de abrigo, não

há para onde fugir, para onde quer que vamos o perigo mortal nos acompanha.

Mário Sacramento lutou contra a província dentro da província. Estudante ainda, recordo-o em Ílhavo entregue a uma actividade exemplar. Em vez de se queixar de que em Ílhavo não havia nada, em vez de sonhar com lugares onde houvesse tudo, Mário Sacramento lutava, ele próprio, pela existência do indispensável. Organizou grupos juvenis — e assim nascia o convívio; criou uma biblioteca volante — e assim nascia o amor pela cultura; elaborava sessões de estudo — e assim nasciam horizontes; dirigiu cursos para adultos, com inclusão de português, francês, inglês e esperanto, que ele próprio ministrava — e assim nascia o apetite de novas aventuras; publicava boletins culturais copiografados — e assim nascia a cultura em acção.

A lição frutuosa da sua juventude fica a iluminar todo um processo que, hoje mais do que nunca, não se deve perder de vista: é preciso combater o provincianismo lá onde exista, na cidade ou na província, **mas lá**. E estando lá, não acreditar que só lá é que é, não fechar

as portas a tudo o mais, em resumo: não ficar entre as quatro paredes como quem vive enclausurado.

Durante muitos anos, durante algumas décadas, enalteceu-se, até à classe da glorificação, a ascese pelo isolamento. Grande era quem vivia encerrado na cela monacal da repartição, quem nunca saía da casca de noz, quem desprezava os contactos, os pareceres, as críticas, a discussão, o fermento. O mito do homem encerrado no seu gabinete em holocausto à comunidade dá-nos a visão de um provincianismo de que tanto viemos a sofrer.

Mário Sacramento manteve-se fiel ao antiprovincianismo da sua juventude, sem se confinar brutamente às paredes da província. Como profissional, frequentou centros científicos fora do país; como cidadão, buscou a informação lá onde a houvesse; como escritor, projectou uma acção lá onde se tornasse indispensável.

Nestes últimos 20 anos é pràticamente impossível não encontrar o nome de Mário Sacramento quando está em equação qualquer grande problema, fosse ele literário, político, social. Para além da sua actividade como escritor, Mário Sacramento exercia uma con-

Início da romagem, no Cemitério Central, à campa onde se encontra o corpo de Mário Sacramento

tínua acção pedagógica através de colóquios, debates, sessões públicas, a que não sabia, a que não podia recusar-se. A inteireza de carácter, a firmeza de princípios, a persistência numa sábia acção convivente, a tolerância, a presença lá onde a sua mão podia dar uma ajuda (como costumava dizer), eis alguns traços que definem o antiprovincianismo do seu carácter.

Isto é tanto mais admirável quanto é certo que tudo o empurrava para o metro quadrado do provincianismo que se define pela importantização.

Segundo a cartilha do provinciano, é preciso ser importante. É preciso ter aparência. É preciso ser-se «extra» e «super» como nos detergentes. O provinciano joga tudo na sua importância de pessoa. O pequeno provinciano moverá pequenas influências, pequenas simonias, pequenos truques para ser conhecido na rua, no bairro, na vila; o grande provinciano gastará milhares de contos, utilizará escritores e agências de informações internacionais, servir-se-á de imprensa própria ou alheia, de rádio, televisão, etc., para engrandecer pequenas qualidades e inventar outras.

Mário Sacramento não montou nunca a

sua máquina publicitária. A glória em grande escala, ou a pequena glória dia a dia perdida, dia a dia conquistada, nunca o interessaram. Interessava-lhe o diálogo, o fio directo, a presença viva no tempo que corre. Nenhuma vocação para múmia. O povo chamava-lhe «o doutor Mário» — e esta expressão define o seu horror pela vaidade do intelectual balofo, miúdo, importante — provinciano.

O seu antiprovincianismo manifestava-se pela recusa das fórmulas vazias que negam à juventude capacidade ordenadora. O provinciano tem a alergia das inovações. As suas expressões favoritas são de elogio ao bom-senso, ao equilíbrio, à visão de poltrona e chinelos que a idade favorece. É frequente ouvi-los dizer: «Trabalho nisto há uma data de anos e vem agora este novato dizer-me como é». Ou então: «caladinho, rapaz, a política é para os mais velhos». Ou ainda: «os novos sofrem do desvairamento próprio da idade, mas quero que saibam que estão muito enganados se pensam que a nossa paciência não tem limites...». Etc.

Mário Sacramento, pelo contrário, continuamente se aproximava, se apoiava e se fortalecia com a juventude. Nada que à juventude

dissesse respeito lhe era estranho. Ele soube sempre ter os olhos voltados para onde o Sol nasce.

O egoísmo é outra característica do provincianismo que Mário Sacramento não cultivou nunca. Refiro-me, particularmente, ao egoísmo que muitas vezes se disfarça de patriotismo.

Para alguns provincianos, o amor da Pátria é exclusivo deles. Esses são os senhores feudais dos grandes territórios das palavras que se escrevem com maiúscula.

Amar a Pátria é isto e aquilo — e o que não for isto e aquilo não é amar a Pátria. Esses consideram que o amor da Pátria é um objecto de que se apossaram e a que mais ninguém tem o direito de aceder. O provinciano diz: «A pátria sou eu; só eu tenho direitos, privilégios, razões».

Mário Sacramento aboliu totalmente tamanho pecado provinciano. Na sua constante actividade de cidadão nunca delimitou o direito ou o usufruto do patriotismo. Sempre quis que **todos** os portugueses livremente se reunissem e se associassem; que **todos** exprimissem livremente o seu pensamento; que **ninguém** fosse preso ou sofresse por motivos

políticos; que **todos** tivessem direito à habitação decente, à instrução, à cultura, a justas condições de trabalho; que o desenvolvimento económico redundasse em benefício para **todos**. Para Mário Sacramento antiprovinciano, todos os portugueses tinham acesso a Portugal.

É evidente que não se é antiprovinciano impunemente, e em particular naquelas épocas onde impera toda a classe de provincianismo: o económico, o social, o político, o religioso. Mário Sacramento pagou um forte tributo pelo seu antiprovincianismo, mas é este antiprovincianismo que lhe garante a permanência, entre nós, para além da morte. Por diversas razões o amamos ou o recordamos. Alguns de nós que estamos aqui se terão encontrado com ele em campos bem diferentes, antagónicos, até. A lição que todos lhe devemos, todos, incluindo os seus opositores, é a necessidade de desprovincianizar a vida e o convívio entre todos os portugueses. Quem se mantiver alheio a esta urgente necessidade nacional, ou quem a contrariar, assume pesada responsabilidade. A História não é provinciana. Será, para todos os provincianos, implacável.

O nosso país não pode caminhar nas calhas do provincianismo. Tem, cada vez mais, de ser da Europa e do mundo.

Eis por que o antiprovincianismo de Mário Sacramento é a herança mais preciosa que nos deixou. Por isso o recordamos. Por isso o amamos.

UM HOMEM EXEMPLAR

FERREIRA DE CASTRO

AINDA tenho muito vivo no espírito o belo e tão lúcido discurso de Mário Castrim, pronunciado, com veemente sentimento de justiça, lá onde a Posteridade começa.

Desejo, pois, iniciar estas breves palavras agradecendo àqueles cuja iniciativa permitiu ao povo de Aveiro exprimir, ainda uma vez, hoje, no cemitério e aqui, a sua fidelidade e o seu preito à memória de Mário Sacramento, figura que simboliza os mais profundos

valores humanos. Ele continua vivo — disse-o Mário Castrim; e vivo continuará: aquelas flores que hoje cobriram a sua campa homenageavam também o futuro que ele tanto defendeu.

Vamos ouvir novamente falar dele. Desta vez o Dr. Óscar Lopes.

Minhas Senhoras
e meus senhores:

Não tenho a pretensão de vos apresentar o Dr. Óscar Lopes. Portugal inteiro o conhece. Quero apenas dizer-vos que ninguém melhor do que ele poderia discorrer, hoje, sobre Mário Sacramento. Uma completa identidade une estes dois grandes espíritos. Ambos se dedicaram à crítica e à história literária. Ambos devotaram a vida ao povo português, às suas aspirações e à sua cultura. Trilhando o mesmo caminho, por essa devoção pagaram numerosos sacrifícios, os que se tornaram públicos e os que ficaram íntimos e são, muitas vezes, os mais dolorosos.

Mesmo que Óscar Lopes não falasse nesta homenagem póstuma, que prestamos a

um homem exemplar, de todos nós tão querido e tão admirado, mesmo que nos desse apenas a sua presença, poderíamos afirmar que ele representava aqui a Mário Sacramento, como um irmão a outro irmão. Irmãos pelo espírito, pelas ideias e seus objectivos, que é onde a fraternidade se realiza de maneira mais completa. Irmãos eram e irmãos continuam sendo na obra de cultura de que tanto carece o nosso povo.

Há anos, num tribunal do Porto, foram julgados cinquenta e dois jovens, entre eles Óscar Lopes, já então professor e homem de letras prestigioso, de quem fui testemunha. E uma das acusações que lhe faziam, a principal, era de haver tido contactos com o povo.

Quando o advogado de defesa me perguntou se eu considerava um crime os contactos dum escritor com o povo, não era só a causa do Dr. Óscar Lopes que se julgava, era a causa de tantos intelectuais do Mundo inteiro, inclusive eu próprio. Quem melhor poderia contribuir para a cultura popular, quem melhor poderia interpretar os anseios dum povo do que os seus intelectuais? Eis um ponto que me parece ter ficado, mais uma vez, bem definido, através das palavras e da minha

própria emoção, nesse julgamento memorável.

Realmente, se todos os escritores se houvessem desinteressado do progresso humano, a própria civilização teria evoluído muito menos e os seus imensos defeitos e as suas inumeráveis injustiças seriam hoje mais numerosos ainda do que são.

Vamos ouvir o Dr. Óscar Lopes. E, através dele, vamos de novo conviver com Mário Sacramento, que tanto honrou Aveiro, que tanto honrou Portugal e tão persistentemente serviu a Humanidade, sem uma só quebra, sem um só desvio, sem uma só incoerência.

SENTIDO DO ENSAÍSMO DE MÁRIO SACRAMENTO

ÓSCAR LOPES

SERIA mais fácil, e ainda por cima seria muito mais comunicativo, dizer-vos umas simples palavras de recordação e saudade acerca do nosso companheiro Mário Sacramento. É certo que só o conheci em pessoa nos seus últimos dez anos de vida, e portanto já homem feito, de 38 a 48 anos, temperado por uma dura experiência, incluindo três prisões políticas, e pràticamente consagrado como ensaísta literário. Mas senti logo nele um amigo, um dos amigos de que mais precisava, em dois colóquios realizados em 1959 na Casa dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. A extraordinária paciência, a

simplicidade, a honestidade intelectual, o dom de si próprio, a bonomia sorridente com que nesses colóquios então enfrentou um público enervado por intervenções inoportunas e, em geral, pouco receptivo à sua tese iconoclasta acerca de Fernando Pessoa — despertaram em mim, como decerto noutras pessoas, uma grande simpatia, e dessa simpatia resultou uma aproximação crescente, e uma amizade que, nos últimos tempos, se tornou íntima das angústias mais retraídas, entre elas a certeza de uma morte próxima. Teria, portanto, muito que dizer sobre o meu e nosso amigo Mário. Mas ainda não chegou o tempo de o fazer com a largueza e a justeza merecidas.

Por outro lado, resistirei a uma outra tentação ainda mais cómoda: a de despertar reacções predominantemente emocionais, percorrendo superficialmente a sua obra literária e identificando-a logo, e por alto, com a sua coragem, a sua coerência, a sua lucidez de democrata e de socialista. Mas aqui, em Aveiro, onde ele mais viveu e lutou, onde todos o conheceram, e durante mais tempo do que eu, parece-me deslocado ser eu a recordar Mário Sacramento como paradigma da cidadania militante, que abrange no mesmo

Mário Castrim usando da palavra junto da campa rasa de Mário Sacramento

olhar e na mesma diligência os problemas locais ou regionais e os de toda a Nação, os espinhos da profissão de médico e os apelos de uma vocação doutrinária e literária.

O mais difícil mas também o melhor que me restava era ler e meditar, pelo menos (já que o tempo e a saúde mais me não consentiam) a obra editada de Mário Sacramento, e refazer uma ideia sobre a sua importância intrínseca e permanente. E receio muito que até isto não se possa empreender sem inconvenientes. Com efeito, está ainda dispersa ou inédita metade, pelo menos, da produção literária do nosso amigo. E este trabalho que me impus, no meio de outros esforços desencontrados e também urgentes, é nada menos do que um diálogo para além da morte, um diálogo com um amigo de quem me sentia tão próximo em afeição e camaradagem como diverso em temperamento, e tão identificado em objectivos e métodos gerais de acção, como discordante em certas matérias de opinião literária. Não seria correcto apresentar-me como simples expositor ou intérprete do pensamento de Mário Sacramento, porque uma interpretação seria sempre inevitàvelmente a minha, ou então escamotearia as questões mais vivas. Por isso

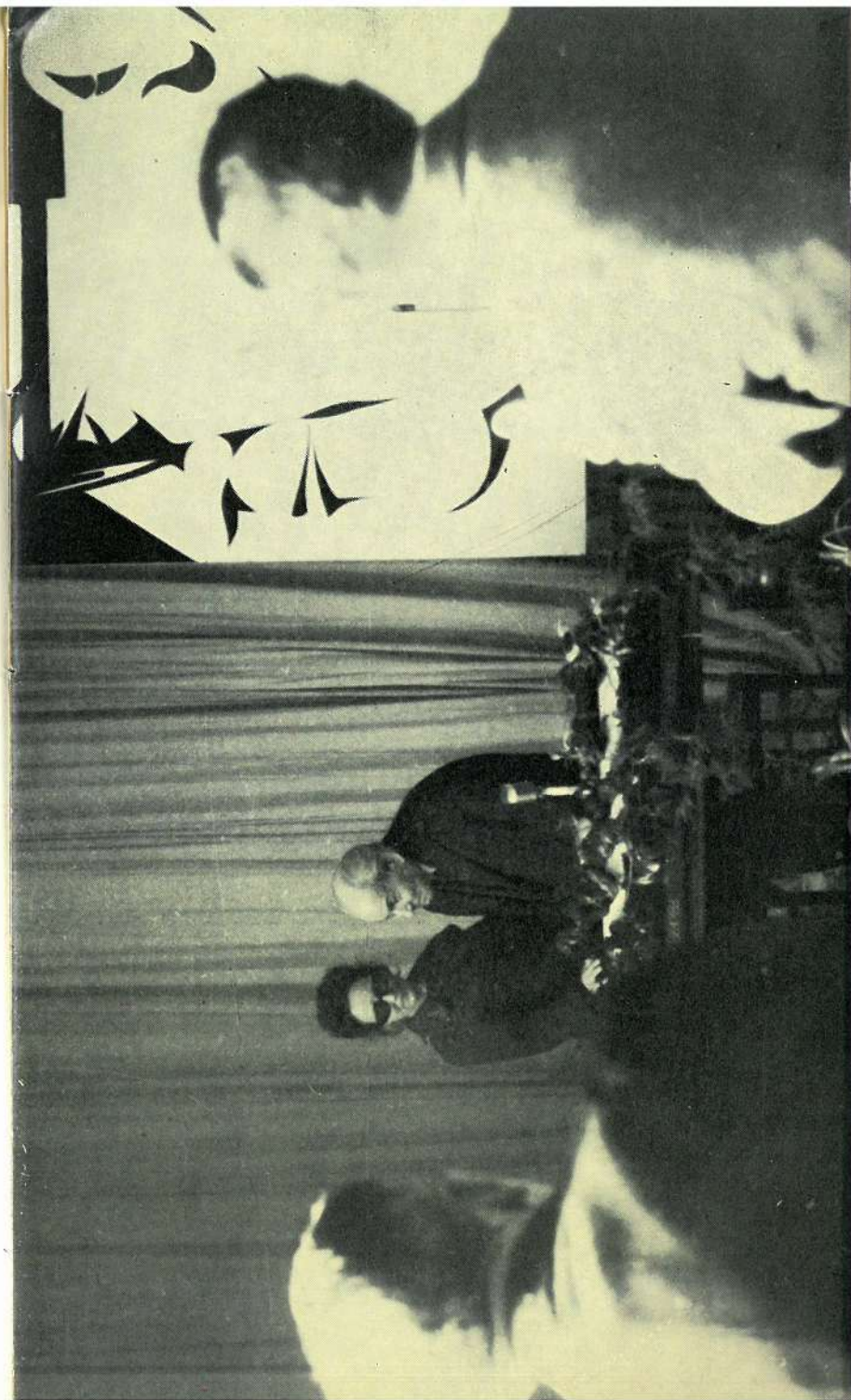
o que tentarei é repensar a obra publicada do Mário como quem continua longas e calorosas discussões travadas oralmente, como quem se esforça por ouvir razões que já não são minhas nem tuas, mas nasceram do enlace de razões trocadas, e da evidência de uma outra voz pessoal, uma voz que nós ainda hoje continuamos a ouvir, baixa, rouca, paciente, fraterna, temperada por um sorriso tanto mais afectuoso quanto mais difícil parece um acordo final.

Este sorriso de bondade e tristeza de Mário traía um irremediável, profundamente sentido, que não é apenas o irremediável dos limites da comunicação humana individual possível, mas o irremediável de todas as frustrações e dores com que (por muito paradoxal que isso pareça) se argamassa a confiança num sentido humano para a vida. O sorriso compreensivo e dramático de Mário Sacramento revelava os seus bastidores nos cigarros, nas cigarrilhas, incessantes, em que ele próprio ardia, e numa actividade sôfrega que o não deixava parar e que não o deixava sequer dormir naturalmente.

Chegou a ocasião de lembrar que o tema dominante do ensaísmo de Sacramento é o da ironia, a ironia realista de Eça, a ironia dramática de Cesário, a ironia absurdizante de Pessoa, e cujo denominador comum estava, segundo Sacramento, citando Jankelevitch, na «alegria algo melancólica que se inspira na descoberta de uma pluralidade». Ora aquilo que mais caracteriza um espírito reside, não nas suas opiniões, mas na sua problemática. Pouco importa, por exemplo, que o Mário tenha assumido uma posição de crítica negativa e polémica em relação a Fernando Pessoa, até porque ninguém soube melhor, e melhor disse, do que Mário Sacramento que o ardor polémico é sempre o ardor virado contra algo que nós próprios ainda somos, e algo que estamos, ou não, em trâmites de superar. Assim, quando aos 24 anos escreveu o seu primeiro grande ensaio sobre **Eça de Queirós, uma Estética da Ironia**, era também uma sua estética, e ainda também uma sua ética da ironia, que Mário Sacramento teorizava. Irónico era já o simples facto de este jovem médico à força (à força das circunstâncias e da vontade paterna), concluir algo que equivalia a uma dissertação de licenciatura em Letras, uma dissertação aprovada, não por um júri **ex cathedra**, mas pelo júri de um Prémio de Jogos Florais Universitários.

Na verdade Mário Sacramento parecia predestinado para escritor, e não para médico. Era esse o juízo dos seus professores liceais, e era isso o que sugeriam as suas precoces primícias de ficção em prosa; e, mesmo passando por alto as suas quatro peças publicadas em 1959 sob o título de **Teatro Anatómico**, duas das quais bem mereciam o palco, basta ler os seus ensaios e artigos para sentir a alternância constante entre a disciplina racional e uma fantasia metafórica, um borbulhar de imagens, de analogias concretas e de ritmos verbais que nos prendem, sobretudo em primeira abordagem aos assuntos, antes que o pensamento esteja inteiramente carrilado.

O ensaio sobre Eça de Queirós de 1945, é, de facto, e no fundo, o seu primeiro grande exercício de um método dialéctico de interpretação literária. A ironia é aí concebida como uma dada fase de reacção humana que consiste em nos apercebermos de um conflito e em nos quedarmos no plano dessa percepção, sem tentar resolvê-la, mas também sem tentar iludi-la por um regresso à anterior fase ingénua ou incrítica de consciência.

Deste modo, o jovem ensaísta empenha-

Ferreira de Castro com Cecília Sacramento na sessão realizada no Teatro Aveirense

-se principalmente em explicar a génese de um realismo de estilo e de concepção de vida que se organiza ao nível da ironia, ou melhor, ao nível de uma dada ironia històricamente determinada. A ironia queirosiana teria um dos seus pés no próprio romantismo queirosiano, fantasista, veemente, explosivo de imagens e surpresas verbais, no antimaterialismo burguês, dos folhetins escritos para a **Gazeta de Portugal**, 1866, e depois seleccionados nas **Prosas Bárbaras**; e teria o seu outro e contraditório pé no jornalismo político, vagamente humanitarista e reformista, e algo acaciano, do mesmo Eça, quando redactor exclusivo do **Distrito de Évora**, 1867, e ainda, mais tarde, quando porta-voz das utopias proudhonianas do Cenáculo lisboeta de 1867-68. A história encarregar-se-ia, efectivamente, de revelar a inconsistência dos ideários que Eça pretendeu em dadas alturas servir, e a sua ironia, pelo que encerra de consciência impotentemente lúcida perante dado conflito, corresponde na verdade a uma situação histórica, e é a sua melhor expressão literária.

Mário Sacramento mostra-nos alguns dos principais meandros na trajectória através da qual o grande romancista chegou à sorridente

melancolia da descoberta de um **impasse** histórico: a inviabilidade da utópica federação republicana e internacional dos produtores de Proudhon, mormente depois da derrota da Comuna parisiense de 71, do fracasso da primeira República em Espanha, e num país que, como o nosso, e no dizer de Oliveira Martins, se resumia então a uma granja semifeudal com um banco parasitário ao lado a espremê-la em rendas e hipotecas. Outros ensaístas tinham-se já ocupado do estilo de Eça ou das intenções subjacentes às suas construções romanescas; mas Sacramento empolga o essencial numa síntese segundo a qual, em Eça, «a ironia é uma conquista íntima», obtida através de alguns vaivéns, sobretudo iniciais, mas de que, por exemplo, o romance póstumo **A Capital** constitui um momento regressivo, onde a ironia recua sob uma vaga de autocompunção do herói, de humor displicente e de sátira ainda românticos. Esses vaivéns são assinalados por meio de observações muito lúcidas acerca de coisas como estas: as sucessivas e contraditórias maneiras como Eça compreendeu e assimilou Baudelaire e Flaubert; o contraste entre a estética trágica de **Madame Bovary** e a da «alta comédia» tìpicamente queirosiana

que **O Primo Basílio** exemplifica por contraste; e o modo como tal estética da ironia amadurece através das três versões conhecidas de **O Crime do Padre Amaro**, acabando por incidir em terreno especificamente social e não, por exemplo, em terreno psicológico, sob a forma de denúncia constante de uma disjunção entre o procedimento real das personagens e aquilo que elas querem pensar de si, ou querem que delas se pense, — disjunção apreendida por uma subtil caricatura de atitudes, tiques, falas e do ambiente ou paisagem, que, em vez de, como em Flaubert, se intercalar no drama humano e nele praticar uma cesura de objectividade, intervém como notação impressionista da subjectividade das próprias personagens, do modo como elas sentem o seu ambiente, e nele se sentem.

O propósito do ensaísta não é o estudo da obra de Eça, mas o da génese da sua estética fundamental, e por isso as obras da maturidade do romancista não são encaradas com a minúcia consagrada aos começos. No entanto Mário Sacramento traz contribuições muitas vezes esquecidas na interpretação dessas obras, fazendo-nos reflectir, por exemplo, sobre este facto importante: as teses aparen-

tes de **A Ilustre Casa de Ramires** e de **A Cidade e as Serras** contêm elementos inquestionáveis da sua própria e irónica autodestruição como teses; a identificação de Gonçalo Ramires com a Pátria e a solução colonialista do primeiro romance, já criticados por António Sérgio, são em grande parte satíricas, e quem tomar à letra a bucólica de Tormes em **A Cidade e as Serras** tem a sensibilidade embotada para o essencial do seu estilo. O grande tema de Eça é, não a exaltação idílica das origens rurais pátrias, mas, como em outros romances, a autodestrutiva, ociosa e entediada falta de horizontes de uma burguesia nacional, mesmo quando apetrechada da melhor preparação profissional e do melhor ambiente culto lisboeta, como Carlos da Maia, ou quando bafejada e detentora dos últimos requintes da cultura ou da civilização material cosmopolita, como Fradique e Jacinto. Notemos que Gonçalo Ramires, Carlos da Maia, Fradique Mendes e Jacinto são hoje mais universais do que no tempo em que Eça os concebeu: são espécimes típicos, irònicamente simpáticos e idealizados, da burguesia cosmopolita de qualquer país subdesenvolvido ou semicolonizado. Existem às centenas ou milhares, na Índia, no

mundo árabe e nas gorilocracias da América Latina.

O ensaio sobre **Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda,** escrito no presídio de Caxias em 1953 e apenas impresso em 1959, sem a desejada actualização, ou sequer revisão, do autor, que entretanto fora novamente preso, é uma obra de crítica aceradamente polémica que eu leio como essencialmente dirigida, não contra o poeta F. Pessoa, mas contra a sua incrítica e quase idolátrica adoração dessa altura. A obra de Pessoa reage directamente às convicções e às formas de sensibilidade dominantes entre a nossa pequena burguesia dos decénios de 1910-20, com uma intuição aguda de toda a inautenticidade dos credos então reinantes que lhe permitiu levar esses credos até às últimas consequências do seu absurdo intrínseco, opondo, a esse absurdo, uma disponibilidade céptica para a apologia de outros quaisquer absurdos, no fundo não menores, mas apenas então mais aparentes ou provocativos.

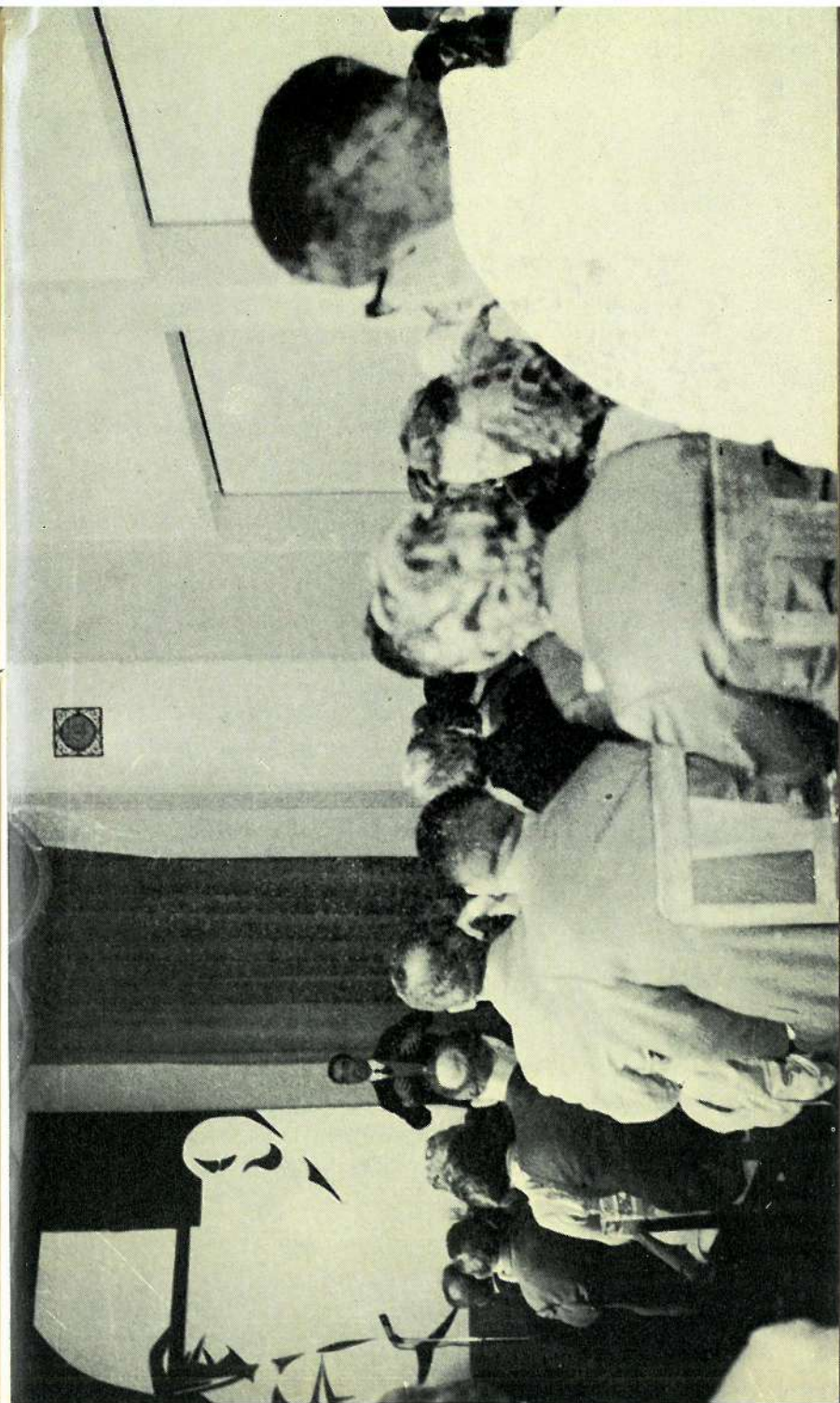
Acontece, porém, que vinte ou trinta anos mais tarde, a ideologia de 1920, incoerentemente ou salpicadamente democrática-burguesa, agrária-positivista-idealista-religiosa-

-anticlerical estava desacreditada, ou então banida nos seus melhores ingredientes, e os absurdos irracionalistas-ocultistas-sebastia-nistas - imperialistas - préfascistas - anti-huma-nitaristas-amorais, etc., que Pessoa oportuna-mente lhes opusera de um modo por vezes irritantemente cabotino e radicalmente céptico — tinham-se tornado, em doses variáveis e aliás também incoerentes, em ideologia oficial, ou em ideologias grupais literárias que às ve-zes se davam uns ares progressivos. O cepti-cismo e a disponibilidade pensante radical de Pessoa eram, afinal, um aprofundamento do Fradique Mendes queirosiano, que já borbo-leteava, sem empenho duradoiro, por sobre todas as florescências civilizacionais do seu tempo. Como Fradique, também Pessoa pre-tendeu sobretudo «viajar e colher maneiras--de-sentir», e dar uma nova forma mais inte-riorizada ao dandismo fradiquista, cindindo-se em heterónimos, que de resto, como a poesia ortónima, e no dizer pitoresco de Sacramento, se abrem ainda em sucessivas chavetas, e chavetas de chavetas, ou seja, em alternativas ou contradições insolúveis.

Pode parecer estranho que Mário Sacra-mento se tenha apostado em escrever um

ensaio para denunciar o absurdismo, o beco sem saída, para evidenciar o que há, não de génio poético, mas de **antigénio**, num poeta que, talvez como nenhum outro escritor por-tuguês, contribuíu para que vários jovens dos anos de 30 ou 40, entre eles eu próprio, vies-sem a ser correligionários dele próprio, Mário Sacramento. Mas a razão é esta: eu não con-sigo ler Pessoa senão no contexto histórico de 1915-25; e Sacramento empreendeu uma obra necessária de saneamento em relação a certo e dominante **pessoismo** póstumo de 1950. E, apesar da discussão fraterna que o Mário e eu travámos a este respeito, e que se inicia no seu próprio ensaio, seria escusado reconhecer pùblicamente, porque isso é óbvio, o seguinte: o Mário ajudou-me a compreender a obra de Pessoa como uma consequente e, no seu tem-po, corajosa redução ao absurdo de várias alternativas ideológicas pequeno-burguesas de 1920, tais como um positivismo sumário e uma metafísica laica, um humanitarismo nebu-loso e uma caridade esmoler inconsequentes, um passadismo sebastiânico de além-mar e um futurismo abstractamente mecânico, o indi-vidualismo de uma alma cristã substancial eterna e o individualismo de um direito mino-

ritário e inoperante de votar, o mito da sinceridade romântica espontânea, o mito da unidade e fidedignidade do simples testemunho da consciência individual, que Pessoa mostra estar falseada até nas recordações aparentemente mais íntimas, etc., etc. Com certas reservas de pormenor sobre que já me pronunciei por escrito, o ensaio de Sacramento sobre o absurdismo de Pessoa contém uma crítica moderadora que a publicação dos inéditos doutrinários do poeta em grande parte corrobora, e desimpediu o caminho para um trabalho complementar que infelizmente o autor já não pôde levar a cabo, mas que anunciou por várias vezes em artigos posteriores e cujo alcance no próprio ensaio se prevê: o trabalho de determinar «a verdade temporal da posição assumida pelo poeta e, como tal, a inquestionável qualidade da sua experiência».

Ora, meus amigos, não é por forma alguma diminuir a estatura de Mário Sacramento, mas antes inserirmo-nos na dialéctica do seu conceito de ironia, pensar que a luta contra os limites absurdistas de Pessoa é também a luta contra o desespero e contra a perplexidade que em nós também por vezes se instala perante os aparentes becos sem saída da história

Óscar Lopes intervém no colóquio que encerrou a sessão de homenagem a Mário Sacramento

dos nossos dias, aquela que nos faz mas que nós também podemos fazer. Reparem: o nosso amigo explica a origem do seu ensaio por um pretenso «inadequamento» e «desinteresse» seus quanto a Pessoa, a que teria sucedido «um caloroso interesse pelo autor desse desinteresse». Não é verdade que esta fórmula soa ainda um pouco aos paradoxos pessoescos? Não poderá ela considerar-se sinal da imanência, a Mário Sacramento e a nós, daquilo mesmo a que nos opomos, daquelas mesmas perplexidades burguesas que procuramos transcender, mas que se renovam a cada momento, que nos determinam, que estão inscritas nos nossos reflexos mais íntimos, nas fraquezas, nas neuroses e até nas doenças físicas que são o calvário e o preço imediato da luta, e às vezes até na rigidez dogmática, e involuntàriamente idealista, dos nossos juízos e dos nossos projectos ?

Mário Sacramento nunca hesitou em reconhecer tudo isto, pelo menos em momentos de confissão dilacerante e patética, uma confissão que ia até à injustiça para consigo mesmo e, colectivamente, para connosco todos. O pior que os nossos adversários nos fazem, quero dizer, o pior que nos faz o determinismo

material a que obedecem os nossos adversários, é justamente isto: modelar-nos, a nós mesmos, em certa medida, à sua própria imagem e semelhança, que às vezes nos limitamos a inverter ao espelho.

Ora é precisamente esta a grande lição que Sacramento extrai nas páginas dedicadas à corrente de doutrina estética à qual adere, quer em monografia dedicada a Fernando Namora, 1967, quer no caderno intitulado **Há uma Estética do Neo-Realismo ?**, 1968. O ensaísta, ao debruçar-se sobre o que se chama «a geração de 40» que é a sua, não pôde conter momentos de melancolia, como a destas passagens: «o futuro vai ter muita dificuldade em compreender o nosso tempo, peado de silêncios e semeado de hiatos»; «Outros houve que escolheram testemunhar o seu tempo, ensaiando-se nele pela vida prática e activa — interveniente e problematizante a um passo. Entre eles me conto, esperando dar conta, um dia, destes longos anos de amarga reflexão, sim, mas de empenhamento incessante. Por ambas as coisas lutei e luto: pela transformação e pela expressão do homem, só me opondo nesta ao que coarcte aquela, e recìprocamente».

Isto não lhe impede uma crítica e autocrítica que por vezes a mim me parece excessiva. Mário Sacramento denuncia, na sua geração de 1940 e nele próprio, um «radicalismo pequeno-burguês» que, ignorando o atraso da industrialização do País, e por isso o fraco peso social do proletariado fabril, lhe procurou um sucedâneo num proletariado rural regionalmente disperso, confundindo aliás o materialismo dialéctico com certo neopositivismo, o materialismo histórico com o humanitarismo sentimental, e concebendo esperanças apressadas num enclave europeu isolado pela vitória do Franquismo em Espanha, e destinado a manter-se depois da última guerra, devido à sua peculiar dialéctica intercontinental de espoliador espoliado, que as potências ocidentais vitoriosas interessadamente sancionaram sob a fórmula de neutralidade colaborante.

Eu permito-me responder pòstumamente a Mário Sacramento (e aliás com a sua própria voz fundida na minha) que a sua luta, que a nossa luta, não falhou ou errou tanto quanto parece, — porque a história foi também, e apesar de tudo, feita pelos que estavam na mó de baixo; de contrário, a lógica interna do sistema

social hegemónico teria provocado consequências ainda mais catastróficas do que aquelas que agora já quase unânimemente se reconhece ter tido. As prisões, os sofrimentos ignorados e esquecidos, as frustrações de homens como Mário Sacramento, Soeiro Pereira Gomes, Bento Jesus Caraça, Jaime Cortesão, António Sérgio e tantos outros, valeram-nos as posições que, através de tudo, nunca perdemos, e que hoje se robustecem.

Por outro lado, Mário Sacramento é inexoràvelmente justo quando flagela e se flagela, no dogmatismo e na confusão do doutrinário com o literário que foram propiciados pela repressão que nos molda, sem mesmo o querermos. É certo que, como ele diz, «a ficção neo-realista foi durante muito tempo a única voz possível de aspectos da vida social que, noutras circunstâncias, caberiam ao jornalismo, à política e ao livro doutrinário». E em dado passo observa até, finamente, que, assim como o positivismo sumário da Propaganda Republicana trouxe como contragolpe o metafisicismo de Pascoaes, Leonardo Coimbra e outros, também o neopositivismo larvar dos pretensos materialistas de 1940 abriu uma

fenda por onde irrompeu o nosso existencialismo literário dos anos de 50. No entanto, Sacramento faz um inventário altamente favorável do neo-realismo no simples terreno das realizações estéticas e mostra que ele constitui a bacia hidrográfica principal onde acabam por desaguar, como afluentes, o imagismo de Sophia ou de Jorge de Sena, o surrealismo de Cesariny ou Alexandre O'Neill, o existencialismo de Urbano, Virgílio Ferreira e certo Namora, o novo-romance de Abelaira e Almeida Faria, o concretismo e o absurdismo teatral da geração universitária de 61-62, etc. — sendo, aliás, de importância secundária a manutenção ou substituição deste nome, «Neo-Realismo», ante o facto capital de que a reflexão literária da dinâmica das relações sociais portuguesas deu ao longo dos anos 30 o seu grande salto ideológico qualitativo, salto que consistiu em passar a ver as maiorias humanas exploradas, não como objecto de comiseração, mas como sujeito potencial da sua própria história. A literatura, a historiografia mesmo universitária, o ensaísmo histórico e o jornalismo de hoje que se interessa por problemas sociais portugueses chamaram de tal modo a si as preocupações dos neo-realistas e materialis-

tas do tempo da última guerra mundial, que a tarefa daqueles que continuam efectivamente na sua linha, e que a revivificam, já consiste em evitar confusões e em reformular os desideratos, os projectos e os valores de modo a tornarem-se inequívocas e adequadas em relação às determinantes do momento.

Mário Sacarmento legou-nos, precisamente, as linhas de uma estética materialista, assim como nos legou lineamentos de uma acção política. Segundo ele, a linguagem e o pensamento humano apresentam estruturas que resultam, afinal e em medida que pouco a pouco se descobre, das estruturas ou códigos da própria matéria, entre os quais se tem ùltimamente destacado o código dos ácidos nucleicos que determina a génese dos seres vivos. A **significação** da linguagem humana seria, portanto, o resultado da complexa adequação do seu código e das suas mensagens à própria legalidade, aliás contraditória, estratificada e em devir, da natureza pré-humana ou não-humana. Mas o trabalho humano não é um reflexo passivo, e sim uma reflexão criadora, e Sacramento lembra a luminosa observação de Karl Marx segundo a qual «o que distingue o pior arquitecto da melhor abelha

é que o primeiro constrói o seu objecto na cabeça antes de o fazer na realidade». O trabalho humano respeita os códigos naturais, porque, de acordo com a fórmula baconiana, lhes impõe novos fins ao mesmo tempo que lhes obedece.

Todavia, o finalismo intrìnsecamente criador do trabalho humano artesanal ou técnico-científico acaba, ele próprio, por se esvaziar quase de todo numa sociedade em que os valores de uso se sujeitam à lógica dos valores de troca, em que o trabalho vivo funciona como cadeia de reprodução ampliada do trabalho morto feito capital, feito mais-valia, feito lucro pelo lucro. E a arte só extravasa do circuito alienatório da mercenarização geral do trabalho humano na medida em que as suas criações deixam de actuar como cúmplices da coisificação dos homens, e actuam como despertadoras da subjectividade humana superior, inseparàvelmente individual e social, que, mesmo quando não é uma consciência directa de fins, é pelo menos uma consciência e um imperativo de finalidades imanente e permanentemente criadora para a vida humana.

Mário Sacramento não concordava comigo em que a arte autêntica é sempre virtualmente

realista, mas ambos concordávamos em que a plenitude humana da arte realista aponta para o socialismo.

Vou terminar esta resenha da obra crítica e ensaística já publicada de Mário Sacramento. **Os Ensaios de Domingo** reunidos em 1959, e agora prestes a serem reapresentados com o acréscimo de mais dois volumes, mereceriam muitos comentários, mas a multiplicidade dos temas neles versados não permitem uma condensação. Aí se contêm muitas das melhores reflexões e, mesmo literàriamente, das melhores páginas do autor, como três notabilíssimas páginas pungentemente risonhas sobre a medicina em Portugal, e notas percucientes e decisivas sobre a melhor peça teatral de Régio, sobre a crise de consciência de Raul Brandão, sobre a dialéctica da ironia e do drama em Cesário Verde, sobre a história social e psicológica da **feminilidade datada** que, em Florbela Espanca, se ergue até um **humanismo permanente**, etc.

Isto que vos trouxe escrito, para servir de núcleo a um estudo mais amplo que o nosso amigo bem merece, é, como preveni, necessàriamente parcial. Há que aguardar a publicação integral da sua obra literária. Há que criar

condições para um estudo documental e objectivo da sua acção pessoal. Não seria eu, evidentemente, a pessoa indicada para focar o drama da sua vida profissional, ou a atenção focada à sua região natal. Poderia, é certo, examinar aqui a maneira exemplar como, logo que lhe foi possível e na medida do possível, ele entabulou na imprensa local um diálogo leal e fraterno com os católicos conciliares, os católicos do **aggiornamento** da Igreja, mas creio que seria mais edificante que fossem os seus próprios interlocutores católicos, reais ou virtuais, a fazê-lo. Todavia, como neste momento seguro, embora com mãos mais fracas, o facho de um legado que Mário Sacramento nos confiou, não quero deixar de erguer esse facho à altura de certas das suas afirmações cruciais.

Nós, materialistas como Mário Sacramento, também cremos, e cremos talvez mais firme e desinteressadamente do que outras pessoas, que a existência tem um sentido possível, um sentido que não é dogmàticamente certo, mas apenas possível, um destino que não cabe em qualquer mito religioso sobre os Novíssimos do Homem, mas que é inerente

à própria convicção com que lutamos, e sofremos, e nos desgastamos quotidianamente numa ponderação, sem decálogo à vista, entre os fins e os meios da humanização progressiva.

Nós queremos que todos os homens venham a ser, e sejam desde já quanto possível, o sujeito activo e consciente, e não apenas o objecto, a engrenagem passiva da história ditada pelas minorias exploradoras.

Aqui e agora, em Portugal, nós cremos firme e activamente que a Nação Portuguesa, não como substantivo abstracto, mas concretamente incarnada em 9 milhões de pessoas, fora os emigrantes e dispersos por todo o mundo, temos um futuro a construir infinitamente mais digno do que aquela história, aliás tantas vezes gloriosa, que durante 8 séculos disputámos a outros povos de aquém e além-mar, sob a hegemonia de aristocracias ou burguesias que fizeram a sua época, geralmente como capatazes ou intermediários do capitalismo mercantil ou financeiro internacional, como sabemos por intermédio de Oliveira Martins, Lúcio de Azevedo, António Sérgio e Jaime Cortesão, e hoje, unânimemente, pelos nossos melhores historiadores e economistas

vivos. Nós queremos um Portugal em que todos os portugueses sejam cidadãos autênticos de primeira e única classe, e queremos também ter a certeza de que não estamos a fazer de ninguém um português à força, porque isso é um atentado contra a nossa honra nacional.

Nós queremos isto, e sabemos que isto é difícil, e, mais ainda, sabemos que o dia de amanhã é imprevisível, cheio de ciladas, de decepções e de desgostos. Mas foi precisamente à vista destas contingências que Mário Sacramento concebeu a nova estética realista, resumindo-a nestas admiráveis palavras com que vou rematar, para que todos fiquemos a ouvir a sua voz, vinda, não de outro mundo, mas surgida do meio de nós, implantada nos nossos corpos, na nossa vontade e na nossa saudade:

«O amanhã pode trazer sempre a novidade real, a do conteúdo, porque o maravilhoso da vida inclui a tragédia, a angústia e o pessimismo, cuja fatalidade é tanto menos irremediável quanto é certo o homem, logo em sua infância histórica, a ter submetido, a ter do-

mesticado não só no modelo reduzido das suas conquistas materiais, mas no modelo completo, exacto, dessa obra portentosa **que é sua** e que se chama — Arte. Tendo-a criado, que mais não poderá fazer o homem? Por isso, toda a arte que não semeie amanhãs se diminui, ela própria, como obra-prima do homem».

ÍNDICES

TEXTOS

GRAVURAS